

Competitividade

Manter a competitividade do País

Glauber Silveira da Silva*

O BRASIL, mais uma vez, deu exemplo ao mundo, conduzindo um processo eleitoral democrático, transparente e maduro. A maneira positiva como somos vistos pode ser notada pelo comportamento do mercado financeiro ao não registrar sobressaltos durante as pesquisas de intenção de voto divulgadas ao longo do processo eleitoral e também após o anúncio dos resultados das urnas. Devemos continuar nesta rota positiva, com ações e medidas que levem à melhoria da competitividade do País.

A presidente eleita, Dilma Rousseff, terá muitos desafios pela frente para resolver questões cruciais relacionadas à agricultura, principal gerador de divisas da economia brasileira, tendo a soja como principal produto da balança comercial do País. Medidas emergenciais e estruturantes fazem parte de uma pauta que deve ser priorizada na próxima gestão.

A crescente valorização do câmbio deve ser tratada de maneira emergencial. A atual “guerra cambial” internacional tornou nossa moeda uma das mais sobrevalorizadas do mundo. Real valorizado significa aumento do custo-Brasil e menos receita.

A carga tributária brasileira, que já é uma das maiores do mundo, deve ser revista, pois esta é uma das causas do nosso desequilíbrio macroeconômico, com câmbio e juros fora do lugar. A hipótese de retorno da CPMF, agora com nome de Contribuição Social para a Saúde (CSS), é um retrocesso inadmissível. Precisamos de uma reforma tributária profunda, que incentive o desenvolvimento e diminua as distorções sociais e regionais. Nesta linha, apoiamos uma reforma que reduza a tributação em cascata, a guerra fiscal, de-

Custo para transportar uma tonelada de soja por 1.000 quilômetros

Brasil	US\$ 72,73
EUA	US\$ 17,54

sonar o setor produtivo e elimine impostos sobre faturamento ou movimentação financeira, como é o caso do Funrural e da extinta CPMF.

Em termos de política agrícola, reconhecemos a importância da política de preços mínimos e a eficiência dos mecanismos de implementação desta política. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), por meio da operacionalização de mecanismos como Pepro e PEP, ajudou a salvar e desenvolver culturas estratégicas para o País, como o milho e o algodão.

Entretanto, o problema do endividamento do setor agrícola continua sendo postergado, com soluções paliativas e provisórias. O crédito agrícola ainda é realidade para poucos produtores da região do Cerrado, que são obrigados a buscar financiamentos junto a empresas a juros maiores e ainda com a venda antecipada da produção que nem foi plantada. Destacamos que é de interesse da nação proteger sua agricultura dos crescentes riscos da atividade. Para isso, devemos focar no desenvolvimento de um seguro rural mais apropriado, com maiores coberturas e também no fomento à utilização de mecanismos de mercado, como opções de venda da BM&FBovespa para reduzir os riscos de preço e câmbio ao setor.

Temos a agricultura mais sustentável e eficiente do mundo, com proteção às florestas nativas, aos rios e às nascentes, uso eficiente de água e práticas agrícolas modernas e eficazes. Entretanto, nossa legislação ambiental, elaborada na dé-

cada de 1960, é totalmente incompatível com os conceitos cientificamente aceitos de sustentabilidade. As inconsistências do atual código colocam grande parte do setor na ilegalidade.

A redução dos custos logísticos deve continuar sendo uma prioridade (vide quadro). Acompanhamos os importantes avanços conseguidos com o PAC e a eficiente gestão do DNIT, como a obra da BR-163, rumo a Santarém, no Pará, e o ambicioso projeto da Ferrovia de Integração do Centro-Oeste. Entretanto, não podemos nos esquecer do modal hidroviário, o mais eficiente tanto em termos de custos quanto de redução de emissões de CO₂. Os rios brasileiros, além de importantes fontes de geração de energia elétrica, podem também ser eficientes corredores de escoamento da produção.

Ainda em relação à logística, o problema não se trata somente de ausência de infraestrutura. Os custos cobrados pelos atuais operadores ferroviários no País para o transporte de grãos estão em patamares muito acima dos padrões internacionais.

O Brasil conta com todas as condições naturais, a vocação das pessoas, a aptidão das terras e o conhecimento tecnológico para atender à grande parte da procura mundial por alimentos, que deverá crescer 70% nos próximos 40 anos, segundo a FAO. A solução para sermos o celeiro do mundo está em nossas mãos. ■

*Presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso (Aprosoja)